



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTs DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTs DE GRADUAÇÃO

Título do Artigo: PRÁTICAS DE CONSUMO E PROPAGAÇÃO DE INFORMAÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE¹

Nome: Aline Amaral Paz²

Co-autora: Sandra Rúbia da Silva³

Vinculação Institucional: UFSM- Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

A partir da observação de conteúdos na internet, por inspiração etnográfica⁴, foi selecionado material que circulou sobre o reitor da UFSC: Luiz Carlos Cancellier de Olivo, após o seu suicídio no dia 02 de outubro de 2017. Este artigo buscou fazer uma discussão de como o consumo de informação, impulsionado pelas lógicas de propagação, podem gerar consequências desastrosas, refletindo a força da coerção social sobre o indivíduo. Observou-se o caso do reitor, sob dois aspectos: Primeiro, a densa exposição da sua imagem compartilhada nas mídias, propagada nas redes, na observação de depoimentos pessoais e de conhecidos. Segundo, na observação da condenação inesperada e sem provas concretas. O suicídio do reitor evidenciou como a informação propagável, juntamente com o poder arbitrário judicial, foram elementos que colaboraram para uma decisão irreversível de vida ou morte.

Palavras-chave: Consumo, Informação, Fato social; Propagável; Suicídio.

INTRODUÇÃO

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho COMUNICAÇÃO, CONSUMO E INSTITUCIONALIDADES, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bolsista Capes, integrante do Grupo de Pesquisa em Consumo e Culturas Digitais coordenado pela Profª. Drª. Sandra Rúbia da Silva, e-mail: alineamaral paz@gmail.com.

³ Prof. Drª. do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, coordenadora do Grupo de Pesquisa em Consumo e Culturas Digitais, e-mail: sandraxrubia@gmail.com.

⁴ Compreendemos estudos de inspiração etnográfica como aqueles que não o utilizam como metodologia, mas apenas como narrativa ou que se utilizam de partes dos procedimentos etnográficos de pesquisa, podem não chegar a ir a campo, porém, podem incorporar protocolos metodológicos e práticas de narrativa como histórias de vida, biografias ou documentos para compor a análise dos dados. (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011, p.168).



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Em 1938 a emissora de rádio CBS em Grover's Mill, no estado de Nova Jersey anunciou uma invasão extraterrestre⁵ que paralisou a cidade e outras localidades. O que na verdade era uma peça de teatro por transmissão ao vivo no rádio, da adaptação do livro de ficção científica “A Guerra dos Mundos”, em poucos minutos instalou um pânico coletivo pelo burburinho sobre o ataque alienígena. Este acontecimento, não acontecido, serve para pensar duas situações, sustentadas pela liberação do polo emissor, após a criação da internet na década de 90 (LEMOS, 2009).

A primeira situação, é pensar como a propagação de ideias e assuntos eram feitos naquele contexto de transmissão coordenada por um meio de comunicação tradicional de massa. Esta forma de disseminar e consumir informações, muda na contemporaneidade, movimento que após o surgimento das redes de contato online, é realizado em grande escala e autogerenciada, (CASTELLS, 2015).

Segunda situação é pensar, em como uma notícia ou acontecimento, são movimentados na sociedade, de acordo com as circunstâncias criadas para dar valor real, ou seja, o que está sendo divulgado, pode não ter acontecido, como no caso acima, mas ganha credibilidade de realidade, a partir do momento que todos estão disseminando a mesma ideia na sociedade onde estão inseridos, como Juremir Machado descreve “A realidade é a ilusão histórica que venceu a concorrência e impôs-se como narrativa necessária”(SILVA, 2009, p.53).

Naquela época era mais fácil dimensionar a audiência e até onde a notícia ecoava. Na contemporaneidade, seria impossível saber o impacto e até onde uma notícia chega ou termina, recomeça e transborda, ganha novas dimensões, repercute e é enquadrada, com possibilidade de, dentro de instantes, se transformar em uma realidade completamente diferente.

Distante do que aconteceu no episódio extraterrestre, onde a informação circulou a partir de um meio de comunicação e ali também terminou com o esclarecimento da narrativa, atualmente, com a comunicação descentralizada e com a produção e consumo do receptor na disseminação e participação significativa das informações que circulam o tecido social, a forma como nos relacionamos, criamos e consumimos se transforma. Qualquer pessoa hoje pode criar “A guerra dos mundos”, mas não é qualquer pessoa, vai acabar com ela, da mesma forma de iniciou.

Numa situação semelhante, a notícia da morte de *Abraham Lincoln* em 1865 levou doze dias para disseminar (COLDRY, 2012), já o movimento da Primavera Árabe em 2011 foi assistido ao

⁵ Informação disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/1938-p%C3%A2nico-ap%C3%B3s-transmiss%C3%A3o-de-guerra-dos-mundos/a-956037>.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

vivo transmitido pelas redes online (CASTELLS, 2013), evidente disparidade de tempo e espaço que a internet produz.

Pesquisar práticas de consumo e propagação de informação na contemporaneidade é pensar inúmeras questões que reverberam nas práticas sociais. Também, é perceber as implicações que esta informação descentralizada sofre, formando redes de contato e de apoio, disseminando ideias, crenças, culturas de uma forma incontrolável e sem direito ao esquecimento. Qualquer informação postada em um período, pode tornar a ser discutida e compartilhada independentemente de tempo e espaço.

Diante destas observações, o objetivo deste artigo é refletir como a sociedade da informação atual, nos contextos dos acontecimentos e os seus deslocamentos, provocam e determinam práticas sociais que podem ser irreversíveis. Caso que vamos discutir referente ao suicídio do reitor da Universidade Federal de Santa Catarina.

Parece um momento caótico o qual vivemos. Ou o indivíduo é classificado como de “Esquerda” ou de “Direita”, mesmo em meio à decadência política partidária. Ser de um ou de outro, significa ter posições artísticas, acadêmicas, sociais que atuam como práticas de inclusão e exclusão.

Assim, discursos de ódio crescente, a promessa da cura gay, direitos há muito conquistados, hoje são ameaçados, são movimentos que representam o contexto do Brasil completamente desestabilizado na sociedade.

Entre estes acontecimentos que originaram vários movimentos sociais de reivindicação e indignação, online e off-line, evidenciam o pânico moral, onde grupos ou pessoas são estigmatizadas como ameaça à sociedade, sendo, este estereótipo, impulsionado pela mídia descentralizada e sustentado por instituições do estado, insuflando no imaginário social ideias que solicitam o controle da ordem social: “A crise política do estado é deslocada para alvos mais suaves, criando um clima de hostilidade para grupos marginais” (COHEN, 2002, p.37).

O que cogitamos, neste contexto, é que o suicídio do reitor Luiz Carlos Cancellier de Olivo, é resposta das características da sociedade que vivemos. Observa-se, um certo pânico moral neste caso, um alvo fácil estereotipado como ameaça a valores sociais, condenado arbitrariamente como culpado.

Nestas condições, não demorou para os discursos incontestáveis em torno de uma solução para o caso de um aparente fraudulento e criminoso, incorporar as mídias, especializadas e independentes, o que levou a prisão do reitor, mesmo sem provas concretas.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

As inquietações que este artigo tem a intenção de tencionar, voltam o olhar para os processos da vida cotidiana a partir dos aspectos do consumo de informação e propagação na sociedade conectada, bem como também, suas implicações práticas.

Harvey (2008) descreve que há uma notória mudança cultural e transformações sociais condensadas num conjunto de práticas que se distinguem de outros tempos, portanto, pós-modernas, apontando como características centrais “a total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico” (2008, p.49).

Para Arendt (2007) o discurso faz do indivíduo um ser político. As verdades ou as ditas verdades determinadas pela falta de reflexão e as repetições desmedidas, triviais e vazias, configuram uma das principais características do nosso tempo (2007, p.13). Com a comunicação em grande escala, articulada pelas mídias de massa e propagada pelas redes online de muitos para muitos (CASTELLS, 2015), estas ditas verdades, ganham dimensões globais e virais em um curto período de tempo.

Neste sentido, o artigo está dividido em duas sessões que contemplam as temáticas propostas. A primeira, abordando o conceito de pós-moderno articulado com o conceito de comunicação propagável.

A segunda, o conceito de fato social articulando como estes conceitos servem para ajudar a compreender o fenômeno social do suicídio, na observação de conteúdos selecionados na internet, após a morte voluntária do reitor.

O corpus de análise selecionado foi dividido em três categorias: Depoimento de conhecidos do reitor após o seu suicídio, depoimento do reitor após a sua prisão e 14 notícias verificadas na página oficial da UFSC na plataforma do site de rede social do Facebook após o suicídio até dezembro/2017.

A LÓGICA PÓS-MODERNA DE PROPAGAÇÃO: O que não se propaga morre, mas o que se faz viver pode matar?

O propósito de abordar uma das ideias centrais de Jenkins, Ford e Green de “o que não se propaga morre” (2014, p.23) é tencionar a sociedade do consumo da informação descentralizada e propagável, com o desenvolvimento crescente de uma cultura mais participativa, podendo fazer viver de forma tão intensa os discursos compartilhados, dando visibilidade global a processos cotidianos.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Giddens (1991) faz uma distinção entre pós-modernidade e pós-modernismo, relacionando o pós-modernismo à arte, arquitetura e estética e a pós-modernidade a mudanças que provocam um diferente tipo de ordem social, onde não se pode ter certeza de nada, uma nova agenda social é adicionada, ideias também articuladas por Harvey, descrevendo sobre mudanças nas práticas sociais, considerando o contexto pós-moderno: “Mas, num importante setor da nossa cultura, há uma notável mutação na sensibilidade, nas práticas e nas formações discursivas que distingue um conjunto pós-moderno de pressupostos, experiências e proposições de um período precedente” (HARVEY, 1993, p.45).

O século XXI é marcado pelas mudanças mais profundas no cenário da comunicação, da arte, da política e dos movimentos sociais, que implicam como características a comunicação fragmentada e descentralizada, promovida pela popularização da internet.

Possibilidades que são criadas a partir das redes de contato online, da propagação através da cultura participativa (JENKINS, FORD, GREEN, 2014), do poder da comunicação articulada de muitos para muitos, de forma mais autônoma e a nível global (CASTELLS, 2015), espaços onde as mídias de massa tradicionais e as mídias online se convergem e se integram, criando pautas umas as outras.

Harvey (1993) discute como as questões de tempo e espaço, são reestruturadas, num contexto pós-moderno, impulsionando uma ruptura em direção a transformações sociais. Enfatiza o autor, que com esta reconfiguração as problemáticas sociais ganham novas dimensões: “considerar como práticas e "discursos" temporais e espaciais bem estabelecidos são "usados" e "trabalhados" na ação social.” (1993, p.208).

Harvey também (1993) descreve com olhar foucaultiano como o corpo é instrumento de poder disciplinador e de punição, submetido aos espaços de vigilância e autoridade, podendo converter-se a resistência.

Desta forma, a o consumo de informação e propagação de ditas verdades sobre o caso do reitor Cancellier, desestruturaram sua imagem moral e social, serviram para manutenção de discursos midiáticos reproduzidos pela mídia da cultura participativa. Em pouco tempo, diversas notícias sobre o caso, repercutiram na rede, o reitor, já condenado por uma multidão, seu corpo altamente exposto ao sistema de vigilância e punição, serviu também de resistência, movimento que o próprio suicídio comunica no seu ato de ser.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Silva (1996) defende que o ato suicida é um ato de comunicação, a última ação do indivíduo que não foi escutado, ou que foi impedido pelo meio social em que estava inserido: “A resposta violenta do suicidado é sua busca em comunicar-se, transformando-se, porque a sociedade não lhe permitiu antes que o fizesse.” (1996, p.16).

Neste sentido, será o caso de suicídio do reitor, um ato de resistência, de requerimento de justiça? Conforme descrito no depoimento de um de seus orientandos de mestrado na UFSC: “O homem do diálogo foi preso sem poder falar”:

“A tragédia de ontem não foi um acidente. Um desafeto político, uma denúncia deturpada, um processo arbitrário conduzido por uma delegada, possivelmente inconformada por ter sido afastada da Lava Jato, uma decisão inconsequente da juíza da 1ª. Vara da Justiça Federal de Florianópolis mudaram, do dia para a noite, a vida do reitor Luiz Carlos Cancellier. Depoimentos que o absolviam foram ignorados, provas foram colhidas sem qualquer contraditório, uma prisão duramente criticada por toda comunidade jurídica catarinense. Uma decisão assinada no conforto de um gabinete, que transformou a história da nossa universidade. Elementos que convergiram para uma desfecho que não condiz com o homem que nós conhecíamos. Cancellier jamais foi acusado de desvio de recursos. Não havia fundamentos para uma medida tão agressiva como a prisão temporária. Um homem que lutou contra a ditadura militar se viu condenado sem contraditório, julgado pela mídia, pela sociedade, sem direito de defesa. O homem do diálogo foi preso sem poder falar. Entretanto Cancellier não voltaria pela porta dos fundos. Ontem, Cancellier retornou para a Universidade Federal de Santa Catarina pela porta da frente, sem ordem judicial, carregado nos braços dos seus alunos, colegas, amigos e familiares”.⁶

Kellner (2001) ressalta que para analisar a cultura da mídia de modo crítico, é necessário viabilizar estudos que mostrem como a mídia se apropria de discursos sociais dependentes dos conflitos de sua época, para fixar ou legitimar formas dominantes de poder, que podem ter resultados inesperados ou negativos.

Observa-se no discurso da sessão solene do congresso nacional em homenagem póstuma ao reitor Cancellier, o senador Roberto Requião, fala sobre a autoridade arbitrária, chamada por ele de fascista, que impôs medo e humilhação com a colaboração dos meios de comunicação:

“Prisão feita sob os holofotes da Globo, da CBN, acusações vagas, suposições e todo o ritual de humilhação que são submetidos os presos, culpados ou inocentes... pra que provas? Se os

⁶Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/2017/10/04/um-grito-por-justica-em-meio-lagrimas-no-funeral-do-reitor-temos-que-parar-os-neofascistas/>>. Último acesso 11 de dezembro de 2017.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

rapazes das instituições tem convicção? Pra que provas, se o Jornal Nacional, a Globo News, a CBN, RBS e os jornalões já sentenciaram”⁷

A propagabilidade de qualquer informação depende do consumo e da circulação que o público faz dos assuntos, determinados sua importância, por avaliação social. Quando os conteúdos ficam disponíveis e portáteis e são relevantes para o público, num fluxo constante, os materiais ficam mais suscetíveis de consumo e compartilhamentos (JENKINS, FORD, GREEN, 2014, p.246), é o que acontece quando um assunto de interesse público, compartilhado por mídias tradicionais, passa a ser pauta de discussões na internet, ou vice-versa.

A mídia faz representações: ela representa mundos – possível, imaginário, desejável, verdadeiro. A mídia difunde verdades: as lacunas e repetições nas representações da mídia, se suficientemente sistemáticas, podem distorcer o senso das pessoas do que há para ver nos domínios políticos e sociais. Os processos-chave de centralização da modernidade (econômica, social, política, cultural) têm sempre contado com a mídia como infraestrutura de comunicação. (COLDRY, 2016, p.23)

O que tem valor social e tudo que é institucionalizado por essa valoração, é definido pelas relações de poder na sociedade (CASTELLS, 2015) e as redes online criam ambientes da experiência humana, é um campo aberto para trocas, compartilhamentos de informação em todos os níveis, é também um espaço de poder e controle sobre os indivíduos.

No entanto, sem controle da informação “as redes não tem limites estabelecidos, elas são ilimitadas e tem várias bordas” (2015, p.65), servindo também de extensão das mídias tradicionais e colaborando para o controle e coerção social, fundamentos que serão articulados a seguir pelo autor Émile Durkheim (2011) no conceito de fato social.

O FATO SOCIAL: OUVIDOS MUCOS DE QUEM E PARA QUEM?

Dia 02 de outubro de 2017, foi marcado pelo acontecimento trágico, o suicídio do reitor da Universidade Federal de Santa Catarina Luiz Carlos Cancellier de Olivo, no shopping da cidade onde residia. Cancellier estava sendo acusado por esquemas fraudulentos de corrupção e obstrução de

⁷ Vídeo disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=V0Xb9BsV_o4> Último acesso em 12 Dezembro 2017.



fiscalização, na operação Ouvidos Mucos⁸, o nome da operação dado pela polícia federal, faz referência à surdez, ouvidos mucos é sinônimo de ouvidos surdos.

Na operação coordenada por mais de 100 policiais, o reitor foi preso. Sua foto com uniforme de presidiário, representando sua situação atual, foi exposta nas mídias tradicionais e nas redes de contatos online. A universidade foi pichada com discursos de ódio e as manchetes e a distribuição da notícia já haviam obscurecido a imagem social do reitor de uma forma irreversível.

Segundo Durkheim (2007, p.20) a maneira como o indivíduo pensa, age, cria e se comporta em sociedade são condutas impostas arbitrariamente por forças exteriores a decisão pessoal, nomeia de “Fatos sociais” os fenômenos coercitivos que são instituídos através da educação.

Neste sentido, Durkheim (2011) descreve três principais tipos de suicídio: Anômico, egoísta e altruísta. O suicídio egoísta (pg. 266) é o enfraquecimento dos laços sociais, o indivíduo perde sua referência da sociedade; No suicídio altruísta (pg. 274) o indivíduo perde a importância da sua individualidade, coagido por práticas sociais que o levam a pensar que tirando a própria vida, estará ajudando a sociedade, um ato quase de heroísmo; No suicídio anômico (pg. 320) os frutos da ação social se perdem naquilo que o indivíduo acredita, são padrões que se desestabilizam no social, fazendo com que o indivíduo não consiga se ajustar as novas condições estabelecidas.

Para o caso posto em questão, pode-se compreender o suicídio como anômico, o sujeito “já não sabe o que é possível e o que não o é; quais são as reivindicações e as esperanças legítimas...” (DURKHEIM, 2011, p.321), uma vez que as condições impostas a Cancellier, a desestruturação social da sua imagem e reputação, fez com que ele não conseguisse mais se enquadrar na nova situação que configurava a realidade criada para sua vida, tornando insustentável e insuportável a existência das novas condições.

Mas eis que foi detido em sua caminhada, não tem mais nada, nem atrás, nem à frente em que repousar o olhar. O cansaço, aliás, é suficiente por si só para produzir o desencanto, pois é difícil não sentir, com o tempo a inutilidade de uma perseguição interminável. (DURKHEIM, 2011, p.326)

Considerando Durkheim, a perspectiva social da questão, o autor descreve: “É a constituição moral da sociedade, que estabelece, a cada instante, o contingente de mortes voluntárias” (2011, pg.384). Descreve que as taxas de suicídios somente podem ser explicadas sociologicamente, visto

⁸ Disponível em: < <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/ufsc-perguntas-e-respostas-sobre-investigacao-da-operacao-ouvidos-mucos.ghtml> > Último acesso 12 dezembro 2017.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

que cada cultura coletiva, carregada das suas crenças e práticas, determinam o ambiente que influência o indivíduo a tirar a própria vida, com base nas três correntes suicidógenas citadas acima.

Portanto, para o autor, que considera fatos sociais como coisas, não há determinismo individual nos fenômenos da vida em sociedade, o que parece vir exclusivamente do indivíduo, é imposto a ele, sem a sua permissão, se há alguma autonomia, é vinda das escolhas que já são pré-dispostas em uma cartela de opções construídas socialmente.

É assim, por exemplo, quando se é imposto, as coisas de menina e as coisas de menino, é o que Bhartes (2001) chama a atenção para o mito dos brinquedos “são reproduções em miniatura de objetos humanos” descrevendo que os brinquedos preparam a criança para todas as atividades do mundo adulto, sem que ela questione. É imposto para que se torne um indivíduo adulto dentro dos padrões sociais aceitos pela coletividade.

Nas palavras de Durkheim: “Somos então vítimas de uma ilusão que nos faz crer que elaboramos, nós mesmos, o que se impôs a nós de fora” (2007, p.05), descrevendo que é na educação que se impõe determinadas maneiras e comportamentos para que ela se molde dentro das convenções sociais.

O autor relata que os sentimentos produzidos pelo indivíduo são intensificados pela coerção social, ganham dimensões maiores, que se impõe sem uma reflexão. Assim, por exemplo, quando um indivíduo não se encaixa nos moldes de uma família tradicional construída socialmente, ele, ou é excluído e marginalizado por pensamentos hegemônicos ou é levado a se enquadrar através de tratamentos e propostas de padronização, como tentativa social de enquadrar o sujeito a normatividade.

Ora, vimos que os fatos sociais tem essa propriedade. Longe de serem um produto de nossa vontade, eles a determinam de fora; são como moldes nos quais somos obrigados a vazar nossas ações. Com frequência, até essa necessidade é tal, que não podemos escapar a ela. Mas ainda que consigamos superá-la a oposição que encontramos é suficiente para nos advertir de que estamos em presença de algo que não depende de nós. (DURKHEIM, 2007, p.29)

É assim também, quando uma mãe tem atitudes que fogem a regra do seu papel enquanto mãe. Uma força social imperativa recai sobre ela, na tentativa de fazer com que haja sentimento de culpa por não se enquadrar em um padrão que já foi estabelecido para o que é ser mãe. O que parece naturalizado e interpretado pelas pessoas como natural, na verdade, foi construído historicamente, culturalmente e socialmente.



COMUNICON 2018
congresso internacional
comunicação e consumo

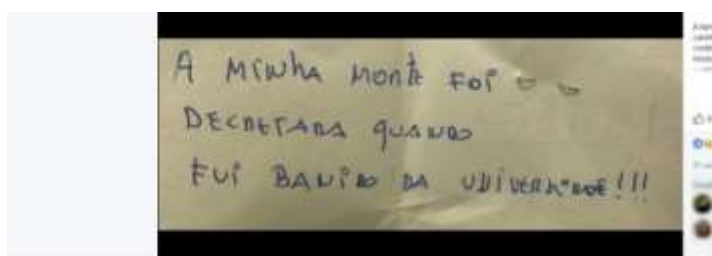
6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Arendt descreve que o indivíduo para ser humano, tem que ser social, caso contrário não pode ser considerado humano. O indivíduo é condicionado a tudo que faz parte da sua existência. Com a capacidade de produzir coisas imortais, que são as suas obras, feitos e palavras através da “mais alta e pura atividade que o homem é capaz, a atividade de pensar” (2010, p.13), a autora descreve três condições básicas para existência humana: O labor, o trabalho e a ação.

Em último bilhete, Cansellier escreve “a minha morte foi decretada quando fui banido da universidade”⁹, neste sentido, é notável que o reitor foi impedido de exercer pelo menos uma das condições básicas da sua existência, a do trabalho. Declara, em uma das últimas orientações a seus alunos: “Foi um duro golpe. Ninguém sabe a pressão de ser exposto a uma opinião pública cheia de ódio”¹⁰

A humilhação e o vexame a que fomos submetidos — eu e outros colegas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) — há uma semana não tem precedentes na história da instituição. No mesmo período em que fomos presos, levados ao complexo penitenciário, despidos de nossas vestes e encarcerados, paradoxalmente a universidade que comando desde maio de 2016 foi reconhecida como a sexta melhor instituição federal de ensino superior brasileira; avaliada com vários cursos de excelência em pós-graduação pela Capes e homenageada pela Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Nos últimos dias tivemos nossas vidas devassadas e nossa honra associada a uma “quadrilha”, acusada de desviar R\$ 80 milhões. E impedidos, mesmo após libertados, de entrar na universidade.¹¹

Bilhete escrito pelo reitor Cancellier:



Irmão divulga reprodução de bilhete deixado pelo reitor da UFSC ...

Bilhete foi publicada pelo irmão do reitor da UFSC nas redes sociais - Reprodução

⁹ Disponível em: <http://noticias.ufsc.br/2017/11/revista-veja-publica-reportagem-especial-sobre-o-reitor-luiz-carlos-cancellier-de-olivo/>. Último acesso 11 de dezembro de 2017.

¹⁰ Informações retiradas do site Elpais, disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/04/politica/1507084756_989166.html

¹¹ Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2017/10/em-ultima-carta-reitor-da-ufsc-morto-nesta-segunda-se-disse-2018perplexo-e-amedrontado2019>>. Último acesso 11 de dezembro de 2017.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Na página da UFSC no Facebook, foram compartilhadas do site oficial da universidade 14 notícias após o suicídio. Quatro delas são vídeos, um deles é a sessão solene do congresso nacional em homenagem póstuma ao reitor.

Houve muitas manifestações solidárias de colegas, amigos e familiares, tanto nas informações que circularam a partir de sites de notícias e na página oficial da UFSC, quanto em perfis pessoais de pessoas que conheceram Cancellier, demonstrando indignação e tristeza, com relatos sobre a vida exemplar do reitor enquanto docente.

As notícias se concentraram em testemunhar como o processo ocorrido com o reitor, foi intensamente espetacularizado, como também, coercivo pela lei do mais forte. Várias instituições e pessoas públicas se manifestaram em homenagem¹², entre estes, algumas universidades federais, conselhos regionais e estaduais e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Neste contexto, o ser social, imerso nas regras, condutas e moral compartilhada coletivamente em sociedade, sujeita-se a ser a vítima dela, quando poderes são articulados para isso, estes poderes, podem vir de instituições do estado e de instituições midiáticas, que com a mesma capacidade de promover o cidadão e dar autonomia a ele, pode subvertê-lo a criminoso e vilão.

Tencionamos o nome da operação “Ouvidos moucos”, por observarmos que a acusação de ouvidos surdos, referente ao reitor, serve para pensarmos nos ouvidos surdos, da própria operação, que ignorou a falta de provas contra Cancellier e mesmo assim, decretou prisão. Elemento fundamental, que desencadeou todo processo público de difamação da sua imagem enquanto profissional.

Através do exercício da coerção social, há a anulação do indivíduo, em que ele pode se submeter à exclusão, se retirando socialmente com suas ideias, projetos, trabalho e todas as formas de ação. Até que por fim, retira-se da própria vida pela morte voluntária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir destas constatações, este artigo buscou discutir o consumo da comunicação propagável, adicionado a poderes coercivos, abusivos e ações arbitrárias de instituições sociais.

¹² Disponível em: <<http://noticias.ufsc.br/2017/10/entidades-manifestam-pesar-com-o-falecimento-do-reitor-da-ufsc-luiz-carlos-cancellier-de-olivo/>> Último acesso 11 de dezembro de 2017.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Refletir sobre esta informação, que se propaga, sem controle de onde e quando vai chegar e parar, sem cálculo das consequências, às quais, foram irreversíveis para Cancellier.

Tudo que se torna público, tudo que é visto e ouvido pelos outros, constitui a realidade. A percepção da realidade é dependente de tudo que venha a tornar-se público (ARENDR, 2010). No entanto, o real não é somente aquilo que se vê, mas o que é acreditado independentemente do que foi visto, neste caso, o real pode ser invisível aos olhos, mas dependente da crença. (MOULLIAUD, 2012).

Neste sentido, o que é divulgado e propagado, por pessoas e instituição sociais, se torna real e passa a fazer parte dos discursos cotidianos por consumo e reprodução coletiva. Se o que é promovido pelos discursos públicos é convencido de veracidade, é real, sendo verdade ou não.

Esta discussão chama a atenção para a responsabilidade que se tem enquanto indivíduos produtores de uma cultura participativa. Não só isso, como também é imprescindível refletir, questionar, argumentar, cumprindo o papel de micro propagador, que o indivíduo tem na Era da informação digital, de uma maneira mais ponderada, cautelosa e sensata, consumindo, criando e transformando a realidade.

Em termos do que foi debatido neste artigo, observa-se pontos de tensão da responsabilidade de consumir, dizer e divulgar. Também, a questão do poder arbitrário que creditou uma condenação sem fatos conclusivos e verídicos, por suposições e eliminação da possibilidade de inocência, recusando-se a respeitar o indivíduo e estigmatizando-o como um perigo social.

Segundo a OMS¹³ (Organização Mundial da Saúde) informação pode salvar vidas. Este artigo se propôs a pensar, em como a mesma, pode colaborar, no processo de tirar vidas, reconhecendo que um dos papéis que exercem as mídias, sejam elas, tradicionais ou redes de contato online, é fazer a manutenção de hábitos, valores, ideias, e atitudes que são organizadas e movimentadas por seres humanos. As mídias sociais são o que as pessoas fazem delas (MILLER, 2012).

Também apresentou a discussão na abordagem de um caso delicado, tencionando a coerção social e a responsabilidade de reprodutores da informação, como força para valorar o quanto a vida merece ser vivida, visto que, é evidente o peso destas questões, para a decisão do reitor Luiz Carlos Cancellier.

Portanto, nestas condições prescritas, não só o que não se propaga morre, como também o que

¹³ Disponível em: <Site Oficial ONU- BR- Disponível em: <https://nacoesunidas.org/oms-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo/>>. Último acesso 11 de dezembro de 2017.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

se faz viver através do consumo da propagação de informação. As ideias que são consumidas, baseadas em crenças, ditas verdades reproduzidas, podem consumir a vida.

É o impulso de transformação que movimenta a minoria, e esta, se constitui como lugar da ação humana e dispositivo simbólico de luta (SODRÉ, 2005). Considerando Cancellier, nesta situação, uma minoria, recusou-se ao abuso do poder, buscando no discurso irreversível e violento do suicídio, um ato político.

Neste contexto pós-moderno de redes rizomáticas e descentralizadas, a internet atua na sua capacidade incontrolável de propagação através da ação humana, como instrumento de poder, de controle e de vigilância, uma disputa articulada na dualidade entre o público e o privado.

Nenhuma pesquisa deve ser realizada com a ilusão da neutralidade, pois o pesquisador se compromete com o que lhe toca a sensibilidade intelectual, escolhendo seus temas de pesquisa, também por gostos, vivências, experiências (BOURDIEU, 1999). Neste sentido, tentou-se fazer uma observação a partir de notícias e depoimentos que circularam em redes online, por afinidade de pesquisa com a proposta articulada no artigo.

Mesmo que o ato suicida seja visibilizado a partir de questões psicológicas e doenças de transtornos mentais, como a depressão, o aspecto que tencionamos, apresenta uma discussão que pensa o suicídio como um fenômeno social. Portanto, o reitor pode ter entrado num estado depressivo, que colaborou para a sua decisão, questões que nos levam a uma nova discussão, mas, neste momento, consideramos a depressão o efeito de uma causa e esta causa é social.

Esta discussão não se esgota em nenhum aspecto. Discutir o suicídio é sempre colaborar para o processo de desmistificação de um tema tabu. É trazer a tona questões que são relevantes a todo ser social. É discutir sobre a dualidade da vida e a morte, sobre o sentido empregado a ela. É por em pauta as questões filosóficas sobre a existência e o merecimento ou a necessidade de mantê-la. É ainda, verificar todos os fenômenos sociais intrusos na individualidade do ser e refletir sobre o que produz a desesperança total que leva o abandono sem volta de si mesmo.

REFERÊNCIAS:

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo; revisão técnica: Adriano Correia. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bartrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. Ciaude Chamboredon, Jean. Ciaude Passeron, Jean. **A profissão de sociólogo : Preliminares epistemológicas**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. - Petrópolis, RJ : vozes, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. – 1º ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

COULDRY, Nick. **Crise de relegitimação**: além da compulsão de uma vida saturada de mídia. São Paulo – v. 19, n. 37, p. 19-28, jan./jun. de 2016

DURKHEIM, Emile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

_____. **O suicídio**: estudo de sociologia. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FRAGOSO, Suely, RECUERO, Raquel, AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. – Porto Alegre: Sulina, 2011.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A Editora, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

KELNER, Douglas. **A cultura da mídia**- estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LEMOS, André. **Cibercultura como território recombinate**. In: A cibercultura e seu espelho: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa / [organizado por] Eugênio Trivinho, Edilson Cazeloto. – Dados eletrônicos. – São Paulo : ABCiber ; Instituto Itaú Cultural, 2009.

MILLER, Daniel; COSTA, Elisabetta; HAYNES, Nell; MCDONALD, Tom; NICOLESCU, Razvan; SINANAN, Jolynna; SPYER, Juliano; VENKATRAMAN, Shriram; WANG, Xinyuan. **How the World Changed Social Media**. London, 2016.

MOUILLAUD, Maurice. PORTO, S. (org.). **O jornal**: Da forma ao sentido. Brasília: Editora UnB, 2012.

SODRÉ, Muniz. **Por um conceito de minoria**. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Org.) *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005.